



RESENHA DO LIVRO *GALILEO'S ERROR: FOUNDATIONS FOR A NEW SCIENCE OF CONSCIOUSNESS* (VINTAGE BOOKS, 2020), DE PHILIP GOFF



João Paulo M. Araujo¹

Qual o lugar da consciência no mundo material? Como integrá-la em nossa história científica do universo? O livro de Philip Goff objetiva responder a essas e outras questões. Composto por cinco capítulos, dentre os quais considero os mais importantes o primeiro e o quarto, Goff consegue oferecer um bom estado da arte da filosofia da mente contemporânea, tomando sempre como pano de fundo uma boa dose de metafísica e filosofia da ciência. No primeiro capítulo, Goff faz uma análise descritiva de como Galileu criou o problema da consciência ao separar o mundo em qualidades primárias e secundárias. Passando pelo segundo e terceiro capítulos, temos todo um *background* descritivo em torno das teorias dualistas e materialistas, cumprindo, portanto, aquela função propedêutica de situar o leitor nos debates atuais da filosofia da mente. Em seu quarto capítulo, ele apresenta sua proposta pampsiquista para solução do problema da consciência, mostrando, para tanto, seus *insights* e as dificuldades de sua postura. Por fim, no quinto e último capítulo, Goff introduz uma discussão de ordem moral, estética e até mesmo espiritual (embora naturalizada) de como incorporar o pampsiquismo em nossas vidas, transcendendo, por assim dizer, a via filosófica puramente racional de compreensão. Para não correr o risco de me repetir acerca das visões dualistas e materialistas, em minha resenha focarei apenas em como Goff apresenta o problema a partir de Galileu para depois introduzir a sua concepção pampsiquista da realidade.

É a partir da reconstituição do caminho de Galileu na construção das bases da ciência moderna que Philip Goff delinea aquilo que ele acredita ser uma resposta promissora para

¹ Doutor em Filosofia pelo programa integrado de Pós-Graduação em Filosofia UFPB-UFPE-UFRN. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco com período sanduíche na Universidad de Buenos Aires pelo Programa Capes PPCP-Mercosul. Professor horista no colegiado de filosofia da Universidade Estadual de Roraima. Membro do grupo de pesquisa Escola Amazônica de Filosofia – EAF.

o difícil problema da consciência. Esta resposta não viria nem por uma via dualista, nem por uma via materialista. O que ele irá propor é uma visão pampsiquista da consciência. Mas no que consiste essa visão? Goff acentua que o pampsiquismo estaria em acordo de que há elementos de verdade, tanto no dualismo quanto no materialismo. Apesar das dificuldades de adequar essa visão ao nosso mundo objetivo, pampsiquistas acreditam que a consciência é uma característica onipresente e fundamental no mundo físico. Como coloca Goff (2020, p. 5), “nada é mais certo do que a consciência, e ainda, nada é mais difícil de incorporar em nossa imagem científica do mundo”. Apesar do conhecimento alcançado sobre o funcionamento do cérebro nas últimas décadas, ainda nos é obscura a questão de como o cérebro produz a consciência. Mesmo com todo o progresso funcional e descritivo das neurociências, a ciência ainda não logrou em prover uma explicação decisiva da consciência. Mas por que tanta dificuldade?

De acordo com Goff (2020, p. 6), “a ciência tem um histórico sombrio na explicação da consciência. Mas o histórico da ciência física em explicar praticamente todo o resto é impressionante”. É a partir de críticas a teorias como o eliminativismo, Goff faz a sua mais profunda afirmação da realidade da consciência. Mesmo se adotarmos uma postura redutiva ou eliminativista da consciência, a própria atividade científica depende da realidade da consciência. Numa clara analogia, ele afirma que “a ciência não poderia provar que a consciência não existe, assim como a astronomia não poderia provar que não existem telescópios” (Goff, 2020, p. 10). Ao remeter às histórias de vida de Newton e Einstein, Goff (2020, p. 13) chama atenção para o papel da imaginação no desenvolvimento da ciência, isto é, “o fato de que muitos momentos importantes no progresso científico envolveram sonhar com novas possibilidades, evocar na imaginação novas formas de pensar sobre o universo”.

De modo similar, Goff acredita que o progresso em nossa compreensão da consciência será feito não somente através da observação do cérebro, mas também de um radical modo de reimaginação da mente e do cérebro. Segundo Goff (2020, p. 13), “há uma boa razão para pensar que explicar a consciência exigirá uma mudança tão fundamental e abrangente quanto a que ocorreu no início da revolução científica”. Goff chama atenção para a ideia de que a consciência foi removida do domínio da investigação científica nos primórdios da revolução e que, para resolver o problema, é preciso encontrar um meio de colocá-la de volta.

Quando olhamos de perto a história da ciência, percebemos o quão imbuída de filosofia ela está. Galileu é um desses exemplos marcantes em nossa História Ocidental.

Como sabemos, além de cientista, Galileu também era filósofo. De acordo com Goff, há ao menos dois aspectos no qual a contribuição de Galileu foi muito mais filosófica do que científica. Galileu rejeitou duas características centrais da física de Aristóteles. A primeira delas foi a visão ptolemaica de mundo e a segunda, a teleologia, ou seja, a ideia de que os objetos inanimados possuíam finalidades próprias na natureza.

Mas o ponto que Goff (2020, p. 15) mais chama à atenção é que “Galileu conseguiu rejeitar uma crucial parcela da física de Aristóteles não através da observação ou experimento, mas através de um puro argumento filosófico”. Como bem conhecemos a história, Galileu provou que a doutrina aristotélica da queda dos corpos era logicamente incoerente e, nesse sentido, “a reimaginação mais fundamental da natureza realizada por Galileu (...) nunca foi justificada por observação ou experimentos. Ela foi, e continua sendo, uma peça de especulação filosófica” (Goff, 2020, p. 15).

A questão é que antes de Galileu não havia uma linguagem matemática para descrever a natureza. Era de comum acordo entre muitos filósofos uma compreensão do mundo de que as coisas eram dotadas de qualidades sensoriais como cores, cheiros, sons etc. Consequentemente, tais qualidades não poderiam ser apreendidas por uma linguagem matemática. Assim, para resolver esse problema, Galileu propôs uma reimaginação do mundo material na qual os objetos não teriam qualidades sensoriais, mas apenas tamanho, forma, localização e movimento. Para ilustrar esse ponto, imagine uma experiência perceptual (em todas as dimensões sensoriais) de uma maçã. Esta maçã não é algo de fato subjetivamente vermelha, macia, adocicada etc.; ela é apenas um objeto que possui qualidades quantitativas e objetivas, como, por exemplo, tamanho e forma. Ao desconsiderar essas qualidades subjetivas da maçã, Galileu poderia apreender os objetos em linguagem matemática. Mas como ficariam as qualidades sensoriais se elas não existem nos objetos? Neste ponto, seguindo a tradição aristotélica, Galileu afirmou que as qualidades só existem na alma do sujeito que as percebe. Como observa Goff (2020, p. 18), “Galileu transformou as qualidades sensoriais das características de coisas no mundo (...) em formas de consciência na alma dos seres humanos”

É a partir desta divisão que Goff afirma que foi Galileu quem criou o problema da consciência. O ponto crucial é que Galileu não pretendia que a sua física matemática fosse uma descrição completa do mundo, mas apenas dos objetos materiais quantitativos. É aí que entra o erro de Galileu, que “foi comprometer-nos com uma teoria da natureza que implicava que a consciência era essencialmente e inevitavelmente misteriosa” (Goff, 2020, p. 21-22). Em seu livro, Goff considera três possibilidades de correção desse erro.

A primeira delas é o dualismo naturalista, o qual aceita o dualismo de Galileu, mas nega que a mente seja algo misterioso; eles tomam a mente como sendo parte da ordem natural. A segunda é o materialismo, que discorda da visão de Galileu de que a consciência é um fenômeno que resiste a uma explicação física; alguns materialistas mais radicais, como, por exemplo, Keith Frankish², argumentam que a consciência é uma ilusão. A terceira é o pampsiquismo, que, de acordo com Goff, pode ser nossa melhor esperança para solucionar o problema da consciência. Quando Galileu decidiu que a ciência não deveria se ocupar da consciência, deu-se início a uma corrida para descobrir qual o lugar dela no universo. Portanto, segundo Goff (2020, p. 23), “para resolver o problema precisamos de alguma forma encontrar uma maneira de tornar a consciência, uma vez mais, uma questão de ciência”.

Durante todo o quarto capítulo de seu livro, esse é um dos objetivos de Goff, tornar a consciência uma questão de ciência. Ao definir o pampsiquismo como “a visão de que a consciência é uma característica fundamental e onipresente da realidade física” (Goff, 2020, p. 113), o autor tenta espantar os estereótipos em torno dessa visão filosófica, que, para ele, é muito mal compreendida. Esses estereótipos ocorrem porque nos prendemos ao significado literal da palavra (“pan” = tudo; “psique” = mente). Isso termina acarretando algumas confusões, criando-se o imaginário de que pampsiquistas comungam da ideia de que objetos inanimados possuem vidas conscientes tão ricas quanto as nossas. O seu esforço também se caracteriza por desconstruir essa visão.

De acordo com Goff, existem dois aspectos equivocados em torno desse modo de compreender o pampsiquismo. O primeiro deles é que os pampsiquistas não pensam que tudo é literalmente consciente. Nas palavras de Goff (2020, p. 113), o que eles acreditam é que “os constituintes fundamentais do mundo físico são conscientes, mas não precisam acreditar que todo arranjo aleatório de partículas conscientes resulta em algo que é consciente por si só”. Em outras palavras, o pampsiquista negará que suas roupas ou qualquer outro objeto inanimado do seu entorno sejam conscientes, mas, em contrapartida, eles afirmam “que elas são, em última análise, compostas de coisas que são conscientes” (GOFF, 2020, p. 113). Isso nos leva ao segundo aspecto no qual os pampsiquistas não acreditam que a consciência de um ponto de vista humano esteja em toda parte. Nossa forma de consciência, afirma Goff, é o resultado de milhões de anos de evolução pela seleção natural. Portanto, nada com esse tipo de configuração é encontrado em partículas

2 Ver: Illusionism as a Theory of Consciousness. *Journal of Consciousness Studies*, 23, (2016), p. 11-39.

individuais, “se os elétrons têm experiência, então eles têm uma forma inimaginavelmente simples” (GOFF, 2020, p. 113). Do fato de que em nós a consciência é algo extremamente sofisticado, isso não significa que ela não possa existir em formas e escalas mais simples. Uma breve espiada na natureza e podemos perceber muitas outras formas de consciência em outras espécies.

Para Goff, qualquer teoria geral da realidade que não tem lugar para a consciência não pode ser uma teoria verdadeira. A sua esperança é que o pampsiquismo pode ser uma forma de integrar a consciência em nossa imagem científica de mundo, evitando, portanto, os problemas do dualismo e do materialismo. No que concerne ao dualismo, o pampsiquismo evita seus problemas, pois não postula a consciência fora do mundo físico e, portanto, se esquia do desafio de explicar a interação entre a mente e o cérebro. No que concerne ao materialismo, o pampsiquismo concorda que a consciência está alocada no cérebro, mas não pretende explicar a consciência em termos de processos cerebrais inconscientes. Dessa forma, “o pampsiquismo não oferece uma explicação redutiva da consciência, ou seja, não explica a consciência em termos de algo mais fundamental do que a consciência” (GOFF, 2020, p. 115-116).

Apesar de Goff estar endossando uma visão pampsiquista da realidade, ele não vai buscar diretamente seu referencial teórico em autores pampsiquistas. Como podemos observar em seu livro, ele deixa transparecer que o monismo neutro³ de Bertrand Russell (1927) e a recepção de sua teoria por Thomas Eddington (1928) no campo da física seriam boas respostas que terminaram contribuindo para o pampsiquismo. A especulação de Russell e Eddington orbitava fora dos debates polarizados entre dualistas e materialistas e, em vista disso, naquele tempo foram completamente descartadas do cenário filosófico dominante. O ponto é que para Goff, a física não nos diz nada sobre a natureza física da realidade. Dito de outra maneira, a física seria apenas uma ferramenta de predição, ela “não nos diz o que é a matéria, mas apenas o que ela faz” (GOFF, 2020, p. 125).

A partir disso, Goff (2020, p. 126) ardilosamente introduz o problema da natureza intrínseca das coisas: “A ciência física limita-se a fornecer informações sobre o comportamento das coisas de que fala – partículas, campos, espaço-tempo – e nada nos diz sobre sua natureza intrínseca”. Para ele, o problema das naturezas intrínsecas não é algo presente apenas em questões mais fundamentais da física moderna, mas também surge quando

3 Podemos caracterizar essa postura de Russell como um tipo de metafísica, uma vez que sua visão sustenta que a realidade última das coisas é de um único tipo. Dessa forma, o monismo neutro defende que a natureza intrínseca da realidade não é nem mental nem material, mas, sim, neutra.

discutimos química e neurociências. Vale ressaltar que não é papel da física postular naturezas intrínsecas, isso é algo inerente à nossa tradição metafísica filosófica; o papel da física é prever comportamentos, e é daí que as ciências obtêm seu sucesso. Todavia, Goff (2020, p. 129) afirma que:

[...] não devemos confundir essa utilidade prática com a aspiração ontológica de prover uma teoria completa da realidade. Sem ir além das informações fornecidas pela ciência física, seremos incapazes de atingir o objetivo final da ciência: uma Teoria de Tudo.

A questão sobre a natureza intrínseca das coisas é algo que acompanha o pensamento filosófico desde o seu alvorecer. Todavia, há um problema maior que os pampsiquistas enfrentam em sua defesa do lugar da consciência em nosso universo físico. Assim como o dualismo e o materialismo, possuem dificuldades ao tratarem do problema mente-corpo. No pampsiquismo, seu maior desafio é conhecido como o problema da combinação. Se um dos objetivos é compreender a natureza intrínseca das coisas a partir de partículas fundamentais nas quais a consciência existe de modo mais simples e elementar, Goff (2020, p. 144) formula a questão e descreve o problema do seguinte modo:

Como você passa de pequenas coisas conscientes, como partículas fundamentais, para grandes coisas conscientes, como cérebros humanos? Entendemos como tijolos formam uma parede, ou peças mecânicas compõem um motor de carro em funcionamento. Mas não conseguimos entender como pequenas mentes podem de alguma forma se combinar para formar uma grande mente (GOFF, 2020, p. 144).

Para Goff é crucial resolver o problema da combinação, uma vez que isso colocaria o pampsiquismo na frente de outras teorias no que diz respeito à melhor explicação. Ainda mais, Goff considera que o problema da combinação está num outro patamar quando comparado com os problemas enfrentados pelo dualismo e materialismo, pois, ao contrário de seus rivais, o problema seria mais tratável em termos explicativos. A ideia é que teorias materialistas e dualistas teriam lacunas a serem fechadas entre coisas de natureza diferente, enquanto que o pampsiquismo a partir do problema da combinação estaria tentando preencher uma lacuna entre coisas essencialmente do mesmo tipo.

Goff oferece duas respostas ao problema da combinação, as quais seriam promissoras no que diz respeito à realidade do pampsiquismo. Focarei apenas na primeira delas, que surge a partir dos experimentos empíricos com o cérebro dividido. Sabemos que

desde os experimentos de Roger Sperry⁴ (1984) é de comum acordo que nosso senso de identidade é produzido a partir de funções centrais realizadas em regiões muito diferentes do cérebro. Com a divisão do corpo caloso, não dividimos apenas o cérebro, mas também a mente, que, por seu turno, leva à existência de duas mentes conscientes localizadas dentro do mesmo cérebro. Um dos efeitos disso é que a “‘mente’ localizada no hemisfério esquerdo é responsável pela fala, mas é incapaz de reconhecer rostos; a ‘mente’ localizada no hemisfério direito tem reconhecimento facial, mas é efetivamente muda” (Goff, 2020, p. 151).

Seguindo os passos de Luke Roelofs⁵ (2019), Goff argumenta que os casos de cérebro dividido podem ajudar na construção de uma boa resposta para a questão da combinação mental. Mas a estratégia neste caso é a partir do caminho de volta, isto é, de uma descombinação mental. Se antes do corte do corpo caloso tínhamos um indivíduo com uma mente unificada, agora surgem dois indivíduos conscientes separados. Goff acredita que os casos de cérebro dividido podem nos oferecer um controle empírico da combinação mental, ou seja, “se estiver certo, então podemos, imaginando o inverso do que levou à descombinação, inferir o que é necessário para a combinação mental” (GOFF, 2020, p. 152).

Todo o esforço de Goff ao longo de seu livro converge para um momento apoteótico de afirmação do pampsiquismo, isto é, para aquilo que ele chamou de “Um manifesto para uma ciência da consciência Pós-Galileana”. Num curto resumo, seu manifesto visa consolidar quatro teses que foram exploradas ao longo de seu livro. A primeira delas é o *realismo sobre a consciência*, ou seja, nossa consciência subjetiva é um dado básico que possui o mesmo valor e *status* dos dados de observacionais e experimentais. O segundo é o *empirismo*, de acordo com o qual a dimensão dos dados quantitativos observacionais e experimentais são tão fundamentais em valor e *status* quanto os dados qualitativos da consciência. Em terceiro, o *anti-dualismo*; nele Goff afirma que a consciência não está separada do mundo físico, mas, sim, presente como uma característica de natureza intrínseca do mundo físico. Em quarto e último, uma *metodologia pampsiquista*. Nesta metodologia, Goff (2020, p. 174) defende que devemos procurar explicar a consciência humana e animal em termos de formas mais básicas de consciência, ou seja, “formas básicas de consciência que se postula existirem como propriedades básicas da matéria”.

4 Para uma descrição pormenorizada, ver o artigo de Sperry intitulado: Consciousness, personal identity and the divided brain. *Neuropsychologia*, Vol. 22, No. 6, 1984, pp. 661-73.

5 ROELOFS, Luke. *Combining Minds: How to Think about Composite Subjectivity*. New York. Oxford. 2019.

Considero o livro de Philip Goff uma boa obra introdutória ao pampsiquismo em filosofia da mente. Apesar de todo o seu esforço e aposta na ideia de que o pampsiquismo pode oferecer uma solução para o problema da consciência, sabemos que as coisas não são tão simples assim, as questões existem e estão presentes em seu texto. De toda forma, dentre tantas possibilidades - e isso levando em consideração a predominância do materialismo no cenário filosófico atual -, talvez, num futuro próximo, quem sabe, não possamos ter o pampsiquismo figurando como uma tendência na filosofia da mente?

Referências

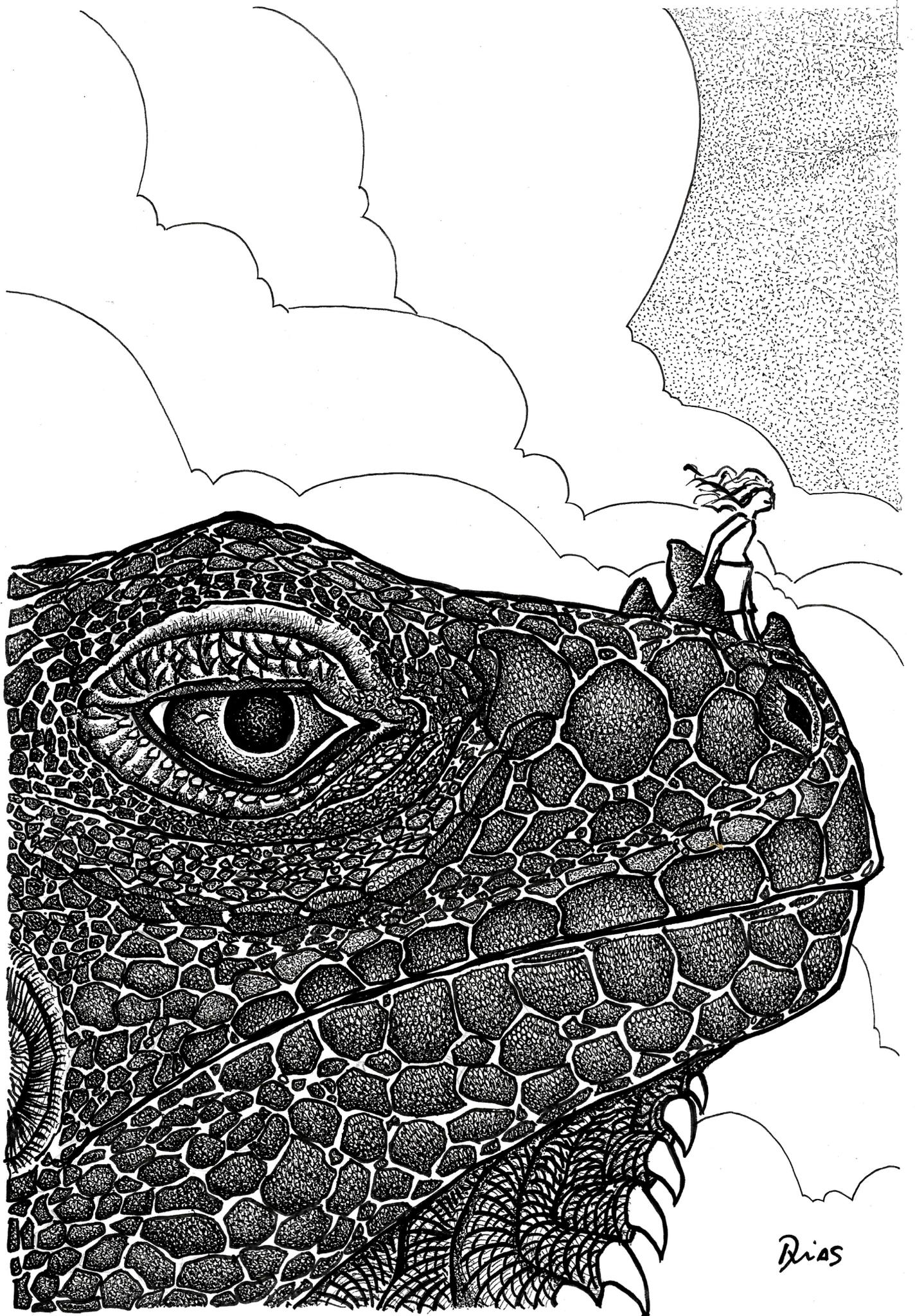
GOFF, Philip. **Galileo's error**: foundations for a new science of consciousness. New York. Vintage Books, 2020.

FRANKISH, Keith. Illusionism as a Theory of Consciousness. **Journal of Consciousness Studies**, 23, (2016), pp. 11-39.

ROELOFS, Luke. **Combining minds**: How to think about composite subjectivity. New York. Oxford, 2019.

SPERRY, Roger. Consciousness, personal identity and the divided brain. **Neuropsychologia**, Vol. 22, No. 6, 1984, pp. 661-73.





Rias